



## Artigo Original

# A questão da autonomia estudantil na formação em saúde: Um estudo a partir de vivências de estudantes do CCS/UFSC

*The question of student autonomy in health education: A study based on experiences of students CCS / UFSC*

Giordano de Azevedo<sup>1</sup>  
Douglas Francisco Kovaleski<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** Este artigo, debate a relação entre saúde e educação dentro da formação de profissionais da área da saúde, focando no ponto da promoção de autonomia dos estudantes e a relação ensino, democracia e autoritarismo. Definindo autonomia a partir do conceito de democracia natural do trabalho de Wilhelm Reich e da articulação teórica deste autor com Alexander Neil, tem por objetivo analisar a promoção de autonomia estudantil dentro da universidade em seu contexto neoliberal, usando como base o relato da vivência de estudantes do CCS/UFSC. O conceito de autonomia definido a partir de Reich, abarca características coletivas, sociais se entrelaçando com a determinação social do processo saúde doença, além de agregar sobretudo um caráter emocional, baseando-o no conceito de democracia natural do trabalho de Wilhelm Reich. Com entrevistas semiestruturadas em profundidade, é analisado de forma qualitativa as vivências de estudantes, discutindo a visão dos estudantes sobre o conceito, a importância dele, as contradições presentes dentro da estrutura universitária relacionadas a promoção ou não de autonomia a partir de situações democráticas e autoritárias relatadas pelos estudantes. Como resultado dessas relações vemos uma universidade pautada na lógica neoliberal, voltada para promoção de valores como individualidade, autoritarismo por si, competitividade. Não ajustadas as funções racionais da vida do amor natural, trabalho vitalmente necessário e a ciência natural. Causando diversos empecilhos para os estudantes através de práticas e estruturas reprodutoras de um autoritarismo irracional.

**Palavras-chaves:** Autonomia, saúde coletiva, educação

**Abstract:** This article discusses the relationship between health and education inside health professional qualification, focusing on the point of promoting student autonomy and the interaction of teaching, democracy and authoritarianism. Defining autonomy through the concept of natural work democracy described by Wilhelm Reich and the theoretical articulation of Reich and Alexander Neil has the purpose of analysing student autonomy promotion inside the university in its neoliberal context, using reports from CCS-UFSC students as basis. Autonomy concept, defined by Reich, encompasses collective and social characteristics intertwining with social determination of health-disease process, in addition to an emotion character, basing on Reich's natural work democracy concept. Using in-dept semi-structured interviews, experiences of students are analyzed in a qualitative manner, discussing student's view about the concept, the importance of it and the contradictions inside the university structure related to the promotion of autonomy or not from democratic and authority situations related by interviewed students. As a result of these relations, it has an university based on neoliberal logistics, focused for the promotion of values as individuality, authoritarianism and competitiveness. Not adjusted as the rational functions of life in natural love, work as a vital need and natural science, it causes lot of obstacles for students through a structure that replicates irrational authoritarianism.

**Keywords:** autonomy, collective health, higher education.

## 1. Introdução

Neste artigo iremos discutir a influência de um ensino que promove autonomia (ou não), a partir dos relatos da vivência de estudantes formandos de cursos do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Catarina. Articulando a discussão a partir da formação de um conceito de autonomia baseado no conceito reichiano de democracia natural do trabalho. Para tal também, contextualizar a universidade brasileira e a definição de determinação social do processo saúde doença.

Nesse sentido, no que diz respeito à produção de conhecimento e formação dos profissionais da saúde, o que temos como conceito hegemônico de saúde, na prática, é um modelo essencialmente conservador, centrado na doença como uma relação unicausal biológica e com tecnologia altamente especializada (CECCIM e FEUERWERKER, 2004). Essa visão de saúde ignora uma complexa relação histórica e cultural, que atua na situação de vida de cada sujeito no ambiente, e portanto, na sua saúde. Esse modelo molda desde a atuação profissional hegemônica até a visão do que é saúde para a população em geral. A partir dessa visão, cria-se uma ideia de saúde ideal, um formato do que é ser saudável, assim molda-se uma proposta de comportamento saudável fixo, que ignora aspectos da história, local e cultura, e é recomendado por muitos profissionais e formadores de opinião, na qual culpabiliza o sujeito e seus comportamentos pela sua saúde.

Para o entendimento de como se dá, e quais as consequências desse processo de subjetivação das pessoas, dentro de uma lógica capitalista neoliberal, nos apoiamos no autor Wilhelm Reich, médico que elaborou teoria psicológica crítica, a partir da psicanálise e do materialismo histórico dialético, sobre as relações de dominação entre os sujeitos, atento aos sinais de resignação, expressos por padrões que o sujeito emprega na sua forma de viver que implicam em perda de vitalidade e de contato com a vida, que portanto influenciam a saúde do sujeito. É um importante autor que contribui na discussão da relação da moral sexual, autoritarismo e saúde com a produção de subjetividade na sociedade (REICH, 2001).

Além disso, na articulação da teoria Reichiana e educação, necessitamos da contribuição de Alexander S. Neill, pedagogo que fundou uma escola libertária: *Summerhill*. Produzindo teoria e prática que contribuem na discussão do autoritarismo e educação e suas diversas formas, e o papel da autonomia, coletividade e liberdade no processo de aprendizagem. Desenvolveu o conceito de contato, para referir-se à pessoa e sua capacidade de se autorregular quando possui um ambiente e relações favoráveis para isso, podendo a partir da sua autonomia sentir-se e reconhecer suas necessidades e possibilidades. Desde que essa capacidade de contato ou de sentir a si próprio não seja perturbada ou rompida pela repressão ou pela educação autoritária, porque, caso contrário, esse contato transforma-se em contato substitutivo, no qual interrompe a capacidade autônoma da pessoa reprimindo assim suas vontades, necessidades e desejos, gerando medo, angústia e resignação (NEILL, 1973).

Tais teorias servem para discutir autonomia ou autoritarismo nas práticas educacionais na educação superior na área da saúde como poderosos determinantes da saúde e no processo de ensino aprendizagem.

A partir do exposto, o objetivo deste artigo é analisar a promoção de autonomia estudantil dentro da universidade em seu contexto neoliberal, usando como base o relato da vivência de estudantes do CCS/UFSC. Partindo de uma definição do conceito de autonomia com base na teoria Reichiana, relacionando e debatendo as contribuições deste conceito para a saúde coletiva.

## 2. Referencial teórico

As principais características do Estado neoliberal, como afirma Sader (2008), são: fortalecimento da propriedade privada, do individualismo, da competição no mercado, o império da lei e das instituições de livre mercado e comércio. Onde as empresas privadas são o meio de produção de riqueza e, portanto, o patrimônio público deve ser repassado aos capitais privados. Segundo essa ideia, a privatização e a competição melhorariam a eficiência, a produtividade, e a qualidade dos produtos e serviços oferecidos, reduzindo os custos. Sendo função do Estado favorecer os mecanismos econômicos para que isso aconteça.

Nessa perspectiva, o sucesso ou fracasso são resultados da capacidade individual, pessoal, daqueles que gerem a empresa/negócio, sem vínculo com fatores estruturais que influenciariam para que isso acontecesse. Sendo assim, a ideologia neoliberal é a ideologia da competitividade, da meritocracia e do individualismo (SADER, 2008).

A universidade, assim como outras instituições, como a imprensa, a igreja, a família e os partidos políticos, são aparatos ideológicos do Estado, podendo ser usados como instrumentos nos quais o Estado opera como forma de produção de ideologia, quando (o que acontece na maioria das vezes) tais aparatos estão dominados pela classe dominante. Tais aparatos se constituem fora do que seria o corpo do Estado e seu aparato repressivo, sendo eles então não o Estado em si (MARINI, 1977).

Sendo então a universidade uma instituição funcional para se manter o sistema de dominação, Marini (1977) traz três funções básicas que ela irá cumprir. Uma função de ordem econômica, outra de ordem política, e outra a de reproduzir as condições nas quais a classe dominante afirma sua forma de dominação de classe. Para o nosso debate neste artigo, nos importa aprofundar a terceira função.

A universidade faz isso por meio da sua estrutura organizativa que reproduz a divisão do trabalho, mantém uma estrutura de autoridade e poder, mantém um sistema de criação de regras pouco democrático, reproduzindo elementos próprios da estrutura na sociedade capitalista contemporânea. Podemos observar que a mesma categoria que faz as leis, as aplica e julga qualquer desvio dentro da norma, sendo esses os professores, além disso, eles são considerados a parte do trabalho intelectual, com total controle sobre o tripé universitário de ensino, pesquisa e extensão (TRAGTENBERG, 1979). Porém, tal função professoral é carregada de muitas regras e obrigações para manter os professores dentro desta perspectiva, como a quantificação da produção científica como mais importante do que a qualificação dela e o incentivo ao individualismo e competitividade entre núcleos, departamentos e centros de ensino.

Os servidores técnico-administrativos são colocados como a força de trabalho que faz a máquina universitária funcionar, onde devem manter a divisão do trabalho intelectual e manual. E os estudantes, como afirma Tragtenberg (1979), são a representação máxima da classe dominada, aqueles que devem apenas seguir o caminho já prescrito a eles pelas autoridades, através dos currículos criados sem sua participação.

Tais funções são estruturais, ou seja, são as funções que a estrutura universitária tenta impor aos sujeitos que a compõem, obviamente que sempre há resistências. Em qualquer uma das 3 categorias de trabalhadores universitários podem se contrapor a estrutura impostas, o conflito dentro da instituição é constante, assim como na sociedade.

Observamos facilmente na forma como o ensino é feito que ele reproduz os valores neoliberais, de forma a legitimar a dominação da burguesia. Analisando as teorias pedagógicas usadas, veremos já num plano imediato,, que a universidade transmite de forma permanente valores como individualismo, submissão à autoridade, competição e meritocracia (MARINI, 1977).

Agora, trazendo a discussão do macro, estrutural, para o micro, as relações de ensino-aprendizagem, vamos perceber que há uma grande influência, como já tido, da ideologia neoliberal na forma como a educação ocorre. A meritocracia, a submissão à autoridade por si, a competitividade e o individualismo, tornam-se características das práticas de ensino nas universidades.

Reich (1975) e Neill (1973) entendiam que todos os comportamentos antissociais, destrutivos, e "distúrbios de comportamento e aprendizagem" têm motivações emocionais, frutos da moral externa, criação e ensinamentos autoritários e frustração constante e desnecessária dos impulsos dos sujeitos em desenvolvimento, que fazem com que eles tenham de criar defesas contra a angústia que, pela repetição, se cronificam, se estruturando em funções e posturas artificiais, fixadas, perdendo contato consigo e a capacidade de responder espontaneamente a cada nova situação, num desenvolvimento construtivo, ao invés de autorregulado e expansivo (expressando suas emoções de forma saudável). A partir disso nos importa passar por alguns conceitos básicos de suas teorias.

## 2.1 Conceitos Básicos da teoria Reichiana

Reich (1975) a partir de seus estudos e práticas, vai percebendo que todos os sintomas neuróticos estão sempre esteados em uma estase libidinal e estruturados de acordo com um complexo

histórico de eventos da vida da pessoa. Em outras palavras, a pessoa que viveu conflitos na infância, os quais não puderam ser resolvidos de forma saudável, ou seja, em que não houve a possibilidade de livre expressão emocional da criança – seja a raiva direcionada aos pais, que se depara com a moral do núcleo familiar patriarcal em que expressar raiva é errado, falta de respeito, seja sua curiosidade pelas coisas e por conhecer o próprio corpo – teve de reprimir seus desejos, direcionando para si a energia antes direcionada ao mundo. Internalizando esses conflitos que são sentidos como angústia e tendo de resolvê-los de alguma forma, tomando posturas específicas nas relações. E com isso, considera o ser humano como um todo, não dividindo ele entre mente e corpo, ou seja, quando há necessidade de “resolver de alguma forma” um conflito, que vira angústia, o corpo também está incluso nesta resolução, também sofre as consequências disso, o sujeito todo adoce não apenas a sua “mente”.

Essas formas de lidar com as situações são conscientizadas e, na medida em que vão se tornando recorrentes, são racionalizadas e reconhecidas como parte da personalidade, estando cronificadas, enrijecidas, na pessoa adulta que continua lidando com as situações reais atuais das mesmas formas - ou de formas muito parecidas - como lidou na infância, mesmo que a situação atual não represente um perigo real. Ou seja, estas formas como a criança lidou com as situações reais de perigo na infância permanece estruturada na pessoa adulta. A esta estruturação crônica da atitude da personalidade como um todo, Reich denominou estrutura de caráter (REICH, 1975).

*“Reich foi o primeiro psicanalista a formular uma teoria coerente do caráter. Ele demonstrou que os diversos traços do caráter dependiam uns dos outros e que, tomados em conjunto, formavam uma defesa unitária contra todas as emoções que de alguma forma eram percebidas como perigosas. Reich chamou essa defesa de couraça caracterial e demonstrou que essa couraça tinha a sua origem em situações da infância, quando à criança era negada a satisfação de um impulso instintual qualquer, o que a energia de tal impulso dividia-se, de modo que uma parte mantinha a outra reprimida” (RAKNES, 1988, p. 20).*

A compreensão da estrutura de caráter enquanto defesa unitária cronificada se deu juntamente com a elaboração de uma técnica coerente no trato das resistências analíticas que, em certo grau foi incorporada à teoria psicanalítica. Reich percebeu que não era o que o paciente dizia ou fazia, mas o modo como dizia ou fazia durante as sessões que caracterizava a principal resistência à análise. A forma de lidar com a vida, no geral, é um complexo de defesas que evita o contato com os conflitos e a angústia e, portanto, na análise essa postura se torna a própria resistência. Reich então, entendendo o ser como único, vai percebendo que esse modo de fazer, está encrostado no corpo como um todo. Há, no que chamamos de parte física, um correspondente direto da estrutura de caráter, e tal correspondente, Reich nomeia de couraça caracterial.

*“A resistência de caráter manifesta-se não em termos de conteúdo, mas formalmente, na maneira como cada um se comporta tipicamente, na maneira como fala, anda, gesticula, e nos hábitos característicos de cada um (sorriso, desprezo, fala coerente ou incoerente, maneira da delicadeza, maneira da agressividade, etc.). Para a resistência de caráter é significativo não o que o doente diz e faz, mas como censura, desfigura, condensa, etc. (...) A resistência de caráter que se manifesta em termos de forma é resolúvel no que diz respeito ao conteúdo e pode-se remontar aos interesses infantis e aos interesses instintivos, tal como o sintoma neurótico. O caráter do doente torna-se uma resistência em momentos oportunos; isto é, na vida de todos os dias, o caráter desempenha um papel semelhante ao que desempenha como resistência no tratamento: a do aparelho de defesa psíquica. Daí falarmos de couraça do caráter do ego contra o mundo exterior e o id.” (REICH, 1975, p. 80-81)*

Dessa forma, o que quero trazer, é como o ensino, no estudo em tela, ensino superior, hoje se estrutura de forma a ignorar todo esse processo de formação da subjetividade, da forma como uma lida com o mundo. E para além disso, se estrutura numa forma a intensificar essa angústia, pois quando há formatos de ensino autoritários, e estrutura de ensino baseadas na meritocracia, no fortalecimento do individualismo, no empreendedorismo, voltando o ensino e o profissional a pensar para o mercado de trabalho, e não para as necessidades sociais coletivas, estamos construindo um modelo de ensino que adoce as pessoas e que contribui na formação de sujeito com menor capacidade de contato com o real, com o outro e consigo mesmo.

Reich (1975; 2001) via na família patriarcal e na estrutura social autoritária os núcleos da reprodução da ordem social que sustentam o Estado, percebendo as relações entre processos econômicos, ideológicos e emocionais que ligam essas estruturas sociais. Na família patriarcal, com costumes autoritários, o conflito entre a moral que as figuras parentais e de autoridade aplicam por meio de ordens proibitivas e restritivas e os impulsos sexuais e desejos da criança, cria

a contradição fundamental entre sexualidade, em sua definição ampla, e moralidade no organismo, que se expressa na contradição entre natureza e cultura no domínio social.

Assim, o efeito da moralidade e repressão da sexualidade infantil é tornar o sujeito tímido, medroso, submisso e dependente, "docilizado". Tendo um efeito de paralização e incapacidade de se rebelar através de sua agressividade natural e de então adaptação a demandas da sociedade. Então temos primeiramente na família autoritária e depois na escola, na universidade e na religião, formas estruturais do Estado em miniatura, ao qual os sujeitos vão aprendendo a se adaptar (REICH, 2001). Para Reich (2001), a estrutura autoritária do sujeito é produzida pela fixação das inibições e dos medos criados na relação autoritária com os impulsos sexuais.

*"O resultado é o conservadorismo, o medo da liberdade; em resumo, a mentalidade reacionária. Não é só através desse processo que a repressão sexual fortalece a reação política e torna o indivíduo das massas passivo e apolítico; ela cria na estrutura do indivíduo uma força secundária, um interesse artificial que também apoia ativamente a ordem autoritária. Quando o processo de repressão sexual impede a sexualidade de atingir a satisfação normal, este recorre aos mais variados tipos de satisfação substitutiva. Por exemplo, a agressão natural transforma-se em sadismo brutal, que é um importante elemento da base psicológica de massa das guerras imperialistas instigadas por alguns." (REICH, 2001, p 29).*

Para Reich (2001), está nessa relação entre opressão e oprimido, entre a moral sexual e o sujeito moralizado a explicação dialética do efeito da ideologia sobre a base econômica, pois é através desse processo de inibição sexual que altera de tal modo a existência humana, a ponto de fazer com que a pessoa economicamente oprimida, haja, sinta e pense contra os seus próprios interesses materiais.

## **2.2 Da Democracia natural do Trabalho a Autonomia no ensino**

Agora chegamos ao ponto central da discussão neste trabalho, a formação do conceito de Autonomia dentro da perspectiva Reichiana. Desta forma, há pontos fundamentais que embasam esse conceito. O primeiro aspecto fundamental para o entendimento da autonomia é o entendimento de saúde como um processo que é determinado socialmente, ou seja, a forma como produzimos nossas vidas socialmente será determinante da saúde e das doenças das pessoas que compõem esta sociedade.

O segundo aspecto fundamental para a nossa definição de autonomia, é a relação da teoria Reichiana com a determinação social da saúde. Ao negar a ideia de pulsão de morte Freudiana, principalmente ao entrar em contato com o Marxismo, Reich afirma que, os impulsos destrutivos e autodestrutivos do ser humano não são inatos, e sim consequências da forma como produzimos nossa vida, da nossa cultura e estrutura social, além disso há o entendimento destes impulsos destrutivos como parte importante do processo saúde doença. E que o que temos apenas como inato, é a pulsão de vida, ou seja, quando saudáveis, quando seguindo o fluxo natural da vida humana nos dirigiremos à vida e, portanto, ao prazer de viver, para Reich, a saúde está ligada à capacidade de produzir a vida, de forma individual e coletiva, de conseguir prazer sexual - em seu conceito amplo - ao viver (REICH, 1975; SERRANO, 1997).

Além disso, o terceiro aspecto está relacionado com o fato de que ainda hoje, cometemos um equívoco há muito já criticado, no qual quando falamos de saúde, ainda dividimos a saúde física, da mental, ainda se tem a dificuldade de se aprofundar nessa discussão de forma assertiva. Para tal, a contribuição Reichiana (1975), se torna essencial, as noções de estrutura de caráter e couraça caracterial, e a leitura de como se formam.

Tendo como ponto de partida então a determinação social do processo saúde doença, como também a determinação social da produção de subjetividade e a noção Reichiana de estrutura de caráter e couraça caracterial como resultado desses processos, chegamos agora, no conceito reichiano (2001) de democracia natural do trabalho, esse conceito diz respeito à natureza do trabalho como necessário na condição humana.

*"A democracia do trabalho é o processo natural do amor, do trabalho e do conhecimento, que governou, governa e continuará governando a economia e a vida social e cultural do homem, enquanto houver sociedade. A democracia do trabalho é a soma de todas as funções da vida, governada pelas relações*

*racionais interpessoais, que nasceram, cresceram e se desenvolveram de uma maneira natural e organizada.”* (REICH, 2001, p. 294)

O que Reich (2001) traz no conceito de democracia do trabalho, é a ideia de que o trabalho é algo natural dentro da produção da vida social do ser humano. Nesse sentido, ela exige que as ideologias e instituições sociais estejam em consonância *“com as necessidades naturais e às relações humanas, como acontece no amor natural, no trabalho vitalmente necessário e na ciência natural.”* (REICH, 2001, p. 294). Pode-se nesse sentido promover o processo natural da vida humana, através de uma relação democrática, estimulando estas relações, ou pode-se entrar em um conflito *“mortal”* com esse processo, impedindo esta função social vital. Porém, sendo ela vital, não é possível destruí-la, constituindo assim base sólida para dos processos sociais racionais, ou seja, a democracia do trabalho é a definição que Reich (2001) dá para o trabalho feito de forma a cumprir uma necessidade social para manter a vida humana e não qualquer outra função mercadológica, de produção de lucro, capital ou moral.

Sendo assim, há uma crítica geral à política como trabalho. Para Reich, o Político, enquanto profissão é um trabalho irracional, numa perspectiva de democracia do trabalho, o que chamamos de política, as decisões políticas tomadas na sociedade, fazem parte do processo de trabalho de qualquer trabalhador, isto é uma das características que compõem a ideia de democracia do trabalho. O trabalho depende de um conhecimento básico para executá-lo, Reich (2001) exemplifica que o político não se submete a qualquer exigência real, ele necessita de certo poder social, esperteza, uma certa brutalidade e ambição neurótica. Além de promessas que não precisam ser cumpridas, para conseguir alçar um cargo político.

Voltamos às três características básicas apontadas por Reich (2001) como funções racionais da vida: o amor natural, o trabalho vitalmente necessário e o conhecimento. A partir da perspectiva da pulsão de vida, como busca por prazer, o amor natural é a prática desse prazer, é o que instiga o ser humano a viver, sentir, aprender. Nessa ideia, é importante o entendimento da capacidade de contato como vital para exercer o amor natural. E nesse sentido, agregamos ao conceito de autonomia um caráter emocional, não há autonomia plena sem autonomia emocional que considere o prazer de viver (amor natural) no processo de ensinar e aprender.

O trabalho vitalmente necessário, é todo trabalho que se torna indispensável para a produção da vida de homens e mulheres e ao funcionamento da sociedade. Sendo assim, qualquer trabalho não realizado irá representar um prejuízo ou um obstáculo para o processo de vida e torna-se um trabalho vitalmente necessário. Entendendo também, como não-trabalho uma atividade que seja prejudicial ao processo da vida (REICH, 2001).

Por fim, o conhecimento, é tudo o que produzimos através de trabalho, para que seja possível exercer o próprio trabalho de forma a melhorar a vida humana, em busca de uma relação social baseada no amor natural.

Essas funções racionais da vida, enfrentam o irracionalismo, que provoca o que Reich (2001) nomeia de peste emocional, que para Reich é o resultado de uma estrutura social baseada no irracionalismo, na contradição do mundo capitalista, autoritário. Nesse sentido, Reich afirma que irracional, é tudo aquilo contrário à vida, e, portanto, contrário às três características apontadas como funções racionais da vida.

O ser autoritário constitui-se numa forma de irracionalismo. *“A ditadura só consegue reprimir as funções naturais da vida, ou explorá-la para seus propósitos estreitos, nunca pode promover ou proteger essas funções, ou desempenhá-las ela mesma. Fazendo isso, ela se destruiria.”* (REICH, 2001, p 295).

Ao regular a ação de alguém através da repressão, torna-se uma ação antinatural, pois seu resultado é a ansiedade, o medo da vida e a incapacidade de contato, como já discutido anteriormente.

Nesse sentido, afirma-se que hoje *“as massas humanas, em consequência de milênios de distorção social e educacional, tornaram-se biologicamente rígidas e incapazes de liberdade;*

não são capazes de estabelecer a coexistência pacífica." (REICH, 2001, p. 301-302). Tendo em vista, o processo discutido anteriormente, que faz com que as massas tenham um posicionamento contrário a suas necessidades materiais, entende-se aqui a dificuldade que se tem de fazer uma alteração social necessária no sentido das funções racionais da vida. Porém é fato que, o curso da sociedade é no fim das contas, determinado apenas pela esmagadora maioria de homens e mulheres trabalhadores e trabalhadoras, ao aceitarem ou apoiarem as formas autoritárias de governo. (REICH, 2001)

"As massas não conseguem fazer tudo isso porque até agora nunca tiveram condições de adquirir e exercer essa habilidade. E a única resposta possível para essa guerra seria a autogestão da sociedade pelas massas, a administração, por elas, das organizações responsáveis pela produção e o consumo. Quem leva a sério as massas humanas, exige delas plena responsabilidade, pois só elas são essencialmente pacíficas. A responsabilidade e a capacidade de ser livre devem ser acrescentadas agora ao amor pela paz." (REICH, 2001, p. 302)

Nesse parágrafo, temos a raiz do que definimos como autonomia a partir da concepção Reichiana. A ideia de autogestão nos processos de transformação, essa ideia, praticada em Summerhill como exemplo claro de sucesso e de diferença explícita de uma educação a partir de uma ideia libertária, em contraponto à educação formal de base autoritária, é uma ideia que se baseia na promoção de autonomia do sujeito (NEILL, 1973). Colando nele a responsabilidade de seus atos, mas, ao mesmo tempo, dando as condições necessárias para que ele adquira e exerça tal habilidade, ou seja, a autonomia aqui é um processo coletivo, que se baseia nos mesmos preceitos da determinação social do processo saúde doença e da ideia como se constitui a estrutura de caráter de cada sujeito dentro de um processo social.

É um processo que responsabiliza o sujeito pelos atos que ele faz, o trecho "*quem leva a sério as massas humanas, exige delas plena responsabilidade*" é certo, e combate qualquer ideia paternalista que possa surgir das propostas até aqui colocadas.

No processo de formação educacional e profissional dos sujeitos dentro de uma universidade, entendendo como parte inicial da vida do trabalho de um futuro profissional, podemos definir a partir de discussão de trabalho feita por Reich (2001), no livro "Psicologia de massas do fascismo", dois tipos essenciais de estudo, um compulsório, que não dá qualquer prazer, e um estudo que é natural e agradável.

Considerando o conhecimento e o trabalho partes fundamentais da atividade biológica humana, vamos entender que, no processo formativo profissional, torna-se essencial o estudo a partir do desejo, a vontade real de saber. Qualquer estudo que se baseia na obrigação, e não no prazer, será contrário a funções fundamentais da vida, e será também pouco produtivo (REICH, 2001).

Há de se observar, que existe na necessidade de estudar, uma gratificação "natural" do estudo, de adquirir certo conhecimento. Porém, o modo como a educação na sociedade neoliberal se estrutura hoje, com a competição que gera ansiedade, a meritocracia que gera dificuldades diversas para se conseguir algo, tendo em vista os diferentes pontos de partida de cada um, a subjugação a uma autoridade por si, pela regra estabelecida e não pela capacidade atribuída ao sujeito com autoridade de exercer certa função, com professores dando aulas pouco estimulantes e didáticas, o estímulo ao individualismo em detrimento do coletivo, como forma de "subir na vida" e o estado lamentavelmente antidemocrático das universidades brasileiras, onde os estudantes pouco têm voz e capacidade institucional de alterar a estrutura universitária, acaba por reprimir o estudante e tirar dele parte do prazer existente no estudo e no processo formativo como um todo (MARINI, 1977; PINTO, 1994; REICH, 2001; RAMPINELLI *et al.*, 2005).

Nesse sentido, a promoção de autonomia torna-se parte importante do processo de transformação da universidade, num sentido a que ela cumpra sua função social, de forma a se integrar a funções racionais da vida. Para Neill (1973), a educação autoritária acaba por formar pessoas que reproduzam certos valores e conhecimentos e percam a capacidade crítica, de pensar por si, dentro do contexto que se está inserido com suas particularidades. Está neste

aspecto importante o porquê de ser tão importante para o capitalismo neoliberal manter o formato de ensino como esta. A universidade é nesse sentido como afirma Pinto (1994) um instrumento de alienação cultural, servindo como forme de controle social.

Nesse sentido, está na autogestão, promoção de autonomia e no estudo como agradável e prazeroso, armas que podem fazer aqueles que sofrem com as mazelas do autoritarismo educacional, entrarem em conflito no sentido de alterar a ordem estabelecida, no sentido de desenvolver a promoção de autonomia, em seu sentido coletivo, libertador, emocional e com responsabilidade. E assim construir uma educação realmente efetiva onde o sujeito seja capaz de pensar por si, de forma crítica, não se prendendo a formatações do ensino formal. Para Reich (1975; 2001) e Neill (1973), está no próprio ato de satisfação sexual, ou seja, de prazer, de alegria de viver, a possibilidade de se desenvolver uma educação voltada para o sentido que viemos defendendo ao longo do texto. Entendendo como crucial nesse debate que a autonomia tem um caráter emocional envolvido, intrínseco à relação, que pode ser reprimido através de atitudes e estruturas autoritárias ou promovido através de relações respeitadas, democráticas e afetivas.

### **3. Metodologia**

A pesquisa tem caráter qualitativo, e para tal foi usada a técnica de entrevista semiestruturada em profundidade, com vistas a perceber e analisar vivências caracterizadas pela autonomia ou pelo autoritarismo, bem como seus impactos na formação dos futuros profissionais da área da saúde.

Com o intuito de buscar a profundidade dos significados atribuídos nas experiências dos estudantes durante a graduação, foi usada desta técnica como forma de buscar o protagonismo do participante da pesquisa, constituindo um espaço relacional privilegiado, onde o entrevistado pode expressar livremente suas vivências, emoções e opiniões sobre sua experiência na graduação em saúde, sobre a autonomia e as práticas formativas democráticas e autoritárias que vivenciou (MORE, 2015).

Como forma de análise de dados foi usada a análise de conteúdo (BARDIN, 2006), para absorver das entrevistas a discussão relacionada ao tema em debate. Trabalhando a partir da memória dos estudantes sobre o decorrer de sua graduação, foi critério para participar da pesquisa, estar cursando as últimas fases de algum dos cursos de graduação em saúde do CCS/UFSC. Foram entrevistadas 9 pessoas no total, dos cursos de Medicina, Nutrição, Fonoaudiologia, Farmácia e Enfermagem.

Foram selecionadas as pessoas por critério de conveniência e proximidade com o tema. Conforme as pessoas foram se prontificando a participar de forma voluntária, as entrevistas foram marcadas. Duas entrevistas foram feitas no fim do semestre de 2017.2 e as outras sete no início do semestre de 2018.1. Como forma de manter o sigilo das entrevistas foram atribuídos nomes fictícios aos entrevistados.

As duas perguntas analisadas foram: a) Fale sobre uma situação que você sentiu que sua autonomia foi cerceada no decorrer do seu curso e b) Fale sobre uma situação que promoveu o desenvolvimento de sua autonomia dentro da universidade. Elas tinham como intuito trazer situações cotidianas dos e das estudantes relacionadas a temática, como forma de exemplificar as duas situações. Como forma de análise das respostas, foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2006) para levantar os temas e falas relacionadas com o tema, sempre usando a teoria Reichiana e o conceito de autonomia formulado a partir dela.

### **4. Resultados e discussão**

As duas perguntas utilizadas, nos deram um riquíssimo e abrangente conteúdo de debate. De início, levantamos já um pensamento importante e marcante, em nenhuma das entrevistas, apareceu como ponto de promoção de autonomia, de crítica e de encontro com o diferente, o espaço considerado principal hoje no ensino, e que considero ser o mais rígido, no sentido conservador da palavra, o espaço da sala de aula. Sendo este o espaço obrigatório, e considerado de grande valor para a formação dos profissionais, é ele o espaço que aparece



como mais autoritário, menos instigador da autonomia, e mais rígido em questão de conhecimento que se passa.

*“A sala de aula é muito contrário disso tudo [promover autonomia], num modelo arcaico, de uma pessoa na frente e 50 atrás ouvindo. **Você levanta a mão e se você não fizer uma pergunta você é zuado, é só bad em cima de bad.** Que faz com que você não tenha vontade de pesquisar, participar, corta total. E **os espaços onde os professores não estão, acabam estimulando mais.** Até o estágio final, que é fora da universidade, fora da sala de aula, me propôs muito mais conhecimento e vivência que uma sala de aula.” (Luna, trecho da entrevista, 2018)*

*“Outras coisas são **as aulas, totalmente expositivas, com slides, slides com fundo azul, letra rosa, odeio isso, não da de entender nada.** Muito texto, os professores ficam lendo aquela textarada toda, daí tu fica no celular, por que é um pé no saco, ninguém consegue ficar 4~5 horas, tem aula que são 4 créditos, eu já acho isso bizarro, **nenhum humano na vida tem condição de ficar esse tempo prestando atenção o tempo todo em tudo**”. (Sol, trecho da entrevista, 2018)*

*“Aquela parede de **aulas muito antigas assim, métodos de ensino muito antigos sabe, aulas enfileiradas, estudantes não se olham na cara por que isso nunca foi promovido.** Não é promovido conversa entre nós, para se conhecer e discutir. Acho que isso influencia bastante a autonomia estudantil, esse método de aula. Ai alguns professores até tentam fazer algo diferente, ainda assim é limitado. **Tem aulas de alguns professores específicos que são muito melhores que essas aulas de slides,** que tentam estimular o pensamento crítico, mas as coisas são muito engessadas.” (Gaia, trecho da entrevista, 2018)*

Essas falas, expressam a grande limitação que tem hoje o espaço da sala de aula. Aulas maçantes, com metodologias desestimulantes, com professores sem empatia alguma com os estudantes, provocam o que estamos afirmando, uma falta de compromisso da universidade com a promoção de autonomia, com um estudo relacionado a desejo, a vontade de aprender, de produzir um conhecimento relevante. O estudo se relaciona com cansaço, é um “pé no saco”, e a figura do professor se torna a representação maior disso para o estudante. Corroborar com a afirmação de Paim e Kovalski (2017, p.408), “Uma universidade que não promove potencialidades, que converte o estudo em algo repetitivo e cansativo, destrói a curiosidade, pois acaba se tornando um monte de salas de aulas, onde as/os estudantes escutam e copiam.”

Nesses casos, não há nenhuma democracia real, não existe qualquer compromisso com as funções vitalmente necessárias nesse processo de ensino, não há uma relação afetiva, de amor, vinculada ao prazer, ao desejo, ao contraio, há “*bad em cima de bad*” segundo uma das entrevistas, está claramente ligada há uma relação vazia de contato, impregnada de cansaço. Por conseguinte, ler slides, falar sem parar, não ter espaço para o debate, sem sombra de dúvidas, não são trabalhos vitalmente necessários, nesse sentido é possível acessar essas informações de outra forma, mais saudável e menos danosa, além disso ousar afirmar que certas aulas contribuem mais para o adoecimento dos estudantes do que para a aprendizagem. E por fim, o compromisso com o conhecimento e a ciência natural, também não é algo que em casos como esse, onde não há debate ou espaço para o contraditório. Vejamos o exemplo a seguir

*“Uma situação muito marcante de privação de autonomia, foi uma prova, foi muito marcante para mim. Teve uma resposta que estava errada, segundo a literatura estava errada aquela resposta. Nos questionamos o professor, e mandamos um e-mail com 4 literaturas dizendo olha, segundo essas 4 literaturas a resposta certa será a tal alternativa e não a alternativa que o Sr. colocou como certa. **E ele respondeu que quem sabe mais é quem está trabalhando, então a opinião dele vale mais que a dos livros.** Uma colega nossa então colocou assim “Ueh, professor, mas não é medicina baseada em evidência, ou é baseada em achismo?”. E daí ele simplesmente responde com uma grosseria absurda que essa estudante não ia ser alguém na vida, que ela teria altos prejuízos no trabalho como médica, que ele esperava não encontrar com ela no meio da medicina, por que já viu que ela era uma pessoa que não valoriza os mais velhos. Então pra mim, esse é um exemplo muito bom de quando a gente não pode ter autonomia na universidade. Não podemos questionar os mais velhos segundo esse professor, mesmo que eles estejam colocando condutas erradas.” (Estrela, trecho da entrevista, 2018)*

Aqui vemos, um professor usando de sua função professoral e os poderes atribuídos a ele, avaliar no caso, como forma de opressão explícita e violenta. O questionamento foi refutado com base na irracionalidade do poder que ele possui para refutá-lo, e não refutado com uma base racional, baseado num argumento científico. “*Quem sabe é quem está trabalhando*”, quando comparamos está fala com o discutido anteriormente, entendendo como não-trabalho uma atividade que seja prejudicial ao processo da vida, só uma conclusão é possível, o que este professor faz nesse momento é um não-trabalho. A violência cometida pelo professor, tem consequências na vida dos estudantes, como Reich (1985) nos demonstrou o medo, a angústia, a

ansiedade, afetam a pessoa diretamente, o corpo como um todo sente e adocece. É importante deixar claro, que isso não significa que esse professor reproduza isso a todo instante, estamos obviamente analisando o fato descrito pela estudante. Porém, é um absurdo institucional, que algo assim ocorra e os estudantes não tenham possibilidade real de contrapor, principalmente por medo das consequências, tais atitudes devem ser denunciadas e punidas com rigor.

Temos outro exemplo, que circula essa temática, onde o conhecimento do professor é questionado, e a resposta é irracional.

*“Então, vejo que desde a grade, como a forma de avaliar, como os professores agem com os alunos dentro de aula, é bem uma questão de autoritarismo mesmo, bem pesado assim. Acontece muito de até rolar às vezes, professores discordam entre eles, nos conteúdos que nos ensinam e daí eles entre eles não conversam. Daí tu tens que aprender várias formas e várias linhas pra agradar cada professor. Por que se tu pega a ideia de um professor e transcreve na prova ou em algum artigo de um outro professor que pensa dessa forma ele age como se aquilo estivesse errado e não como aquilo sendo uma outra linha de pensamento ou uma outra forma, pra ti ver como a coisa é autoritária mesmo, por que a ideia pessoal de cada um é a lei.” (Olinda, trecho da entrevista, 2018)*

Não há qualquer preocupação com o estudante, com aquele que está aprendendo, a preocupação aqui está em reproduzir aquilo que se acha correto sem debates ou críticas, concordar com aquele que exerce a autoridade, no sentido que viemos falando, uma autoridade por si e não uma autoridade natural atribuída pela capacidade daquele que há exerce em relação as necessidades do grupo na qual está inserido (NEIL, 1973; MARINI, 1977). A violência instituída nesses exemplos, são fatos corriqueiros na vida estudantil.

*“É difícil responder um momento [que a autonomia foi cerceada], por que isso pra mim é rotina, por exemplo lembro muito da quarta fase onde tem a pior anatomia de todas, que tu fica muito tempo estudando aquela merda daquela disciplina, é muito tempo, que é muitos finais de semana, na sétima fase tu tem 40 e poucas provas no semestre, é isso, é uma atitude de retirar sua autonomia, não explícito, “ha você não pode falar aqui”, mas é algo cotidiano, é explícito quando um professor fica atacando o SUS dentro da sala de aula e você não pode falar, debater com ele, por que isso não é permitido fazer tanto socialmente como ele também não dá espaço para isso. Quando ele comete atos machistas, homofóbicos na sala de aula, ou iatrogênicos no seu cotidiano você não consegue falar, não sente vontade, e é meio que proibido de falar, isso retira a autonomia, a gente vê estudantes, professores e profissionais cometendo atos antiéticos e não podemos falar nada sobre isso...são processo que vão tirando autonomia, até te retiram a vontade de tu ser autônomo, por que parece que você só vai poder pensar como você quando você sair desse núcleo da universidade controlador, tem uma forma de poder bem controladora e disciplinar.” (Chico, trecho da entrevista, 2018)*

*“Palavra do aluno não vale, a priori o estudante sempre está mentindo. É tanta coisa né? Sei lá eu tenho q fazer uma prova quando estou muito mal, as vezes emocional, pra fazer aquela prova. E aí tu fala com professor ele e fala que tu tem que arranjar atestado. Por que tua palavra nunca vale nada. Se tu trouxeres atestado em dois dias a gente consegue fazer na próxima semana. Daí tu tem que ir no médico, um posto de saúde, e dizer pra ele “estou mal, preciso de um atestado para n fazer uma prova”, sendo q a minha palavra devia bastar, eu sei o que estou sentindo, o professor não sabe, inclusive o médico não sabe. Daí vai do médico acreditar no que dizendo ou não.” (Sol, trecho da entrevista, 2018)*

Estas falas trazem muitos elementos de que a universidade tem que se preocupar sobre como se dá o ensino na sala de aula. A forma de avaliar, a carga horária, atos machistas, homofóbicos, racistas, iatrogênicos, a não crença no estudante e na sua capacidade, vão se acumulando e retirando a vontade do estudante de ser autônomo, de se esforçar para ser crítico, causando consequências graves na vida dos estudantes envolvidos, é aqui que mora a questão central do debate sobre o caráter emocional da autonomia. Essa rotina de repressão e autoritarismo gera resignação, medo, angústia e ansiedade, e não conhecimento, vontade de estudar, responsabilidade e capacidade crítica.

No que se refere aos momentos de cerceamento da autonomia, por fim há de se salientar os momentos onde os próprios estudantes são aqueles responsáveis por cercear a autonomia de outros. Em geral por duas formas, a primeira a competitividade que há entre eles.

*“Os estudantes coletivamente são muito fragmentados também, não é nada incentivado a coletividade, as vezes até é oposto disso, incentivado uma competição, as matrículas nas disciplinas que divididas em várias, consegue escolher matrícula na grade que quer quem tem o maior IAA, se tu precisa desse horário ou não, tanto faz.” (Sol, trecho da entrevista, 2018)*

Há então na universidade várias estruturas, que usam o sistema de IAA (Índice de Aproveitamento Acumulado) para conseguir certos horários de disciplinas, mas também para conseguir bolsas, estágios, monitorias, participação em pesquisas. Uma ideia de meritocracia, que se baseia na perspectiva que todas as pessoas partem do mesmo lugar para alcançar as notas,

quando percebemos que tal perspectiva é bastante equivocada. Há muitas diferenças entre as pessoas. A fala a seguir ilustra bem esta situação:

*“Eu trabalho e tenho uma filha de 5 anos. E tenho uma namorada. Então tenho pouco tempo. Eu às vezes tenho que fazer opções, deixo de viver um pouco pra conseguir atingir meus objetivos. Esse ano já deu uma melhoria, **quando digo tempo, não é necessariamente minuto, ou horas, é preocupações, às vezes tu tá na aula pensando, pó tenho uma audiência daqui a pouco.** Que nem essa semana, qual é minha preocupação, tenho uma reunião na escola da minha filha, que é lá em Forquilha, as 7 da noite, e saio daqui às 6. como chegar lá em uma hora. **Ai já fico sofrendo por antecedência. Hoje estava com uma hora livre no trabalho, e já fiquei pensando vou ler pro TCC, daí já fiquei pensando nisso, como vou fazer ou não fazer.**” (Jonas, trecho da entrevista, 2018)*

Nesses exemplos, vemos outro ponto que demonstra o que Marini (1977) fala sobre como o neoliberalismo é introjetada na universidade, aqui com a ideia da meritocracia e da competitividade como bases das estruturas e regras universitárias. Da mesma forma, podemos ver na fala a seguir, a ideia de que os estudantes passam a reproduzir esses valores, sendo o que em falas anteriores apareceu como os estudantes sendo colocados em “caixas”. São de fato formatados dentro de perspectivas neoliberais. Temos dois exemplos nesse sentido.

*“E algo, que vivenciei muito no meu curso, e que **somos ensinados a pensar num coletivo cego**, num coletivo que segue regras, não um coletivo de pensamento, um coletivo no sentido de vocês tem **que seguir essas regras, por que nos sempre seguimos, eu segui e estou dizendo para vocês seguirem.** Então se você tenta sair disso e criticar um pouco você é taxado no curso. Tem vários exemplos, mas a questão da EBSEH [Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares] e a mais latente, onde foi colocado para todo mundo que todos tinham de ser a favor dela. Mas eu que era contra a EBSEH **cheguei a ser perseguida pelo coordenador de curso, por professores. Fui ridicularizada por professores dentro de sala de aula. Meus colegas não olhavam mais na minha cara.** Então você tem uma vivência horrível, por que você é contra algo que aquele coletivo defende cegamente.” (Estrela, trecho da entrevista, 2018)*

*“Querendo ou não tu tá ali, conversa com o **paciente sozinha, e não tem liberdade de criação de nada. Ai tu fica meio robô né**, o paciente senta na tua frente e tu fica **“preciso procurar interações medicamentosas, preciso procurar interações medicamentosas, preciso procurar interações medicamentosas”.** Sendo que tu podia pensar em N outras coisas, e **tu fica totalmente condicionada aquilo, porque que é aquilo q te passam em sala de aula sabe, e ai quando tu faz outra coisa, elas vem te perguntar se tu fez isso.** Ai tu tem que entregar papéis escritos com a dispensação q tu fez, e todas as coisas q tu coletou. E as vezes tu tava ouvindo ali a pessoa, e auxiliando ela, mas isso n conta pra nada.” (Sol, trecho da entrevista, 2018)*

As duas falas, mostram diferentes situações de vivência das estudantes, onde elas têm de lidar com esta situação de formatação da forma de ser dos estudantes. A primeira uma opressão política, que envolve professores e estudantes. A segunda uma situação de prática profissional, em como lidar com o paciente, uma forma que reproduz a própria forma que os estudantes são tratadas na universidade, sem empatia, sem contato, focado no problema, na doença, e não no sujeito que está sendo atendido. As duas situações, são exemplos claros de práticas irracionais, não focadas nas funções racionais da vida, que resumem de certa forma muito do discutido até aqui, juntando diversos fatores discutidos, regras contra produtores, ignorar ou reprimir as diferenças, formatar uma forma de ser estudante, não confiança na ação do estudante, não espaço para o debate e o contraditório e competitividade entre os estudantes.

Essas situações correspondem a ideia Reichiana (2001) de que há uma certa forma de agir, contrária as funções vitais da vida, que vai se espalhando através das relações autoritárias, e as reproduzindo de forma contundente, na qual ele nomeou de peste emocional. Essa relação autoritária reproduzida sem fim, que tem consequências adoecedoras em todos, nos que praticam e nos que sofrem com ela.

## 5. Considerações finais

A partir dos relatos dos entrevistados, de suas percepções e vivências na graduação dentro do CCS/UFSC relacionadas com a promoção de autonomia ou seu cerceamento, percorremos o caminho de inserir a teoria Reichiana dentro do debate da saúde coletiva, com nossa proposta de democracia natural do trabalho, dentro do processo educativo, da universidade enquanto formadora de profissionais e produtora de conhecimento, com função social em conexão com as necessidades da população, relacionando o ensino com a necessidade de se comprometer com as funções racionais da vida, do amor natural, trabalho vitalmente necessário e conhecimento.

Percebemos que há indícios de uma influência do neoliberalismo como já apontada por diversos autores, no ensino universitário. Formando uma massa de profissionais dentro da lógica da meritocracia, competitividade, autoridade por si, saúde como mercadoria e individualismo. O que podemos trazer para a contribuição nessa discussão, é o aprofundamento do debate sobre os efeitos nocivos que a saúde e a educação têm em cada indivíduo que perpassa esse caminho do ensino na estrutura atual.

Ao ter uma educação autoritária e individualista, promovemos pessoas com ansiedade e medo, incapazes de entrar em contato consigo e com outros, e assim reproduzindo mais autoritarismo e individualidade, formando um ciclo de difícil interrupção.

Concluimos reafirmando a importância que há numa educação voltada para o coletivo, com amor e empatia, com respeito às diferenças e com o foco na função de promover pessoas capazes de serem autônomas, críticas para que assim tenham maior capacidade de alterar o meio em que vivem, no sentido das funções racionais da vida. O conceito de autonomia que construímos a partir da teoria Reichiana, das contribuições de Neill e do conceito de determinação social do processo saúde doença, é importante no sentido de agregar diversos debates em torno da autonomia e seu caráter coletivo, emocional, libertador e crítico, numa ideia que deve ser ainda aprofundada, para que consigamos avançar na prática de promoção desta autonomia no ensino de forma geral.

Os entrevistados anseiam por uma educação promotora de autonomia, crítica e coletiva, apesar de toda uma vivência dentro de uma universidade contraditória em si, que dá espaço para o diferente, ao mesmo tempo que o cerceia, tomando o tempo de vida de estudantes e professores com atividades irracionais em relação à vida.

Da mesma forma que a formatação, que a robotização (como dita por uma das entrevistas) dos sujeitos, em torno de uma ideia neoliberal, onde educação e saúde são tidas como mercadoria, e não como necessidades da vida individual e coletiva, vimos também que há sim resistência. Professores e estudantes, voltados para a coletividade e a promoção de autonomia, lutam diariamente contra a estrutura que a vida as impõe. Nesse sentido, fica a reflexão da necessidade que temos de pensar em todos os espaços da universidade na qual pertencemos o que podemos fazer, a partir da responsabilidade com a vida, com o prazer de viver e a felicidade em perspectiva coletiva. Como enfrentar o autoritarismo presente na estrutura e em nós mesmos, pois somos constituídos numa sociedade assim, para que possamos, a partir destes questionamentos, alterar esta situação de propagação, do que Reich chamou de peste emocional.

## 6. Referências Bibliográficas

1. CECCIM, R. B.; FEUERWERKER, L. C. M. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.14, n.1, p.41-65, 2004.
2. Reich, W. *Psicologia de Massas do Fascismo*. Martin Fontes, 2001
3. NEILL, Alexander Sutherland. *Liberdade sem medo*: Summerhill. Ibrasa, 1973.
4. SADER, E. Notas sobre a Globalização In: MATTA, Gustavo Corrêa; LIMA, Júlio César França (Orgs). *Estado, Sociedade e formação profissional em Saúde: Contradições e desafios em 20 anos de SUS*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/EPJSV, 2008.
5. MARINI, R. M. A universidade brasileira. *Revista de Educación Superior*, nº22, México, Abril-Junho, 1977. A tradução do espanhol ao português é de Fernando Correa Prado, com revisão de Rodrigo Castelo Branco e Vitor Hugo Tonin. Disponível em: [http://www.mariniescritos.unam.mx/pdf/053\\_universidade\\_brasileira.pdf](http://www.mariniescritos.unam.mx/pdf/053_universidade_brasileira.pdf) Acesso em: 20/02/2018
6. TRAGTENBERG, M. *A Delinquência Acadêmica: o poder sem saber e o saber sem poder*. São Paulo, Editora Rumo, 1979, pp. 15-23,
7. REICH, Wilhelm. *A função do orgasmo*. Editora Brasiliense, 1975.
8. RAKNES, Ola. *Wilhelm Reich e a orgonomia*. Summus Editorial, 1988
9. SERRANO, Xavier. *Contato, vínculo e separação*. Summus Editorial, 1997.

10. PINTO, A. V. A questão da universidade 2 ed. São Paulo: Cortez, 1994
11. RAMPINELLI, W. J.; ALVIM, V.; RODRIGUES, G. (Orgs.) Universidade: democracia ameaçada São Paulo: Xamã, 2005
12. MORÉ, Carmen L.O.O. A "entrevista em profundidade" ou "semiestruturada", no contexto da saúde Dilemas epistemológicos e desafios de sua construção e aplicação. Investigação Qualitativa em Ciências Sociais, v. 3, p 126-31, 2015
13. BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2006.
14. PAIM, M. B.; KOVALESKI, D. F. Processo avaliativo e participativo: a experiência do VER-SUS Florianópolis In: FILHO, C. C. d S.; GARCIA Jr., C. S.; KOVALESKI, D. F.

---

Artigo Recebido: 04.12.,2018

Aprovado para publicação: xx.xx.20xx

**Giordano de Azevedo**

Universidade Federal de Santa Catarina

Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, s/nº

Trindade

88040-900– Florianópolis, SC - Brasil Telefone: (48) 999964922

Email: gio.zeva@gmail.com

---